

iluminando o fim do verão

desamar o silêncio

como posso amar ainda o silêncio
depois de ouvir um pássaro cantar
no teu peito inundado de azul?

quando adormeces junto a mim

quando adormeces junto a mim,
pássaros de melancolia levam
o fogo mais azul para outra ilha.

era uma rapariga de ontem

era uma rapariga de ontem:
guardava borboletas no vestido branco,
tão frágeis como a melancolia de verão.

era uma rapariga a quem chamavas casa

era uma rapariga a quem chamavas casa,
quando no teu coração só
havia um lugar distante.

era uma rapariga estendida sobre o verão

não contemples a rapariga estendida
sobre o verão da adolescência.
o seu lume cegar-te-á.

quarto duplo para um só

era a chuva ou punhais no vento?
 era a noite ou a sombra muda do teu corpo?
 era uma cama ou um campo de neve?

branca, a madrugada

branca como as costas da minha amada
 quando regressa ao país do sono,
 deixando apenas silêncio nos lençóis.

roupa branca estendida na corda

as memórias são roupa branca
 estendida na corda,
 iluminando o fim do verão.

Outra noite, outra memória

Uma vez, conheci uma rapariga que nunca tinha visto o mar. Foi na cidade de Luton, em Inglaterra, durante um curso intensivo de verão, já decorreu uma década e meia. Ela viera de Marusina, uma aldeia sumida no interior da Lituânia, tão próximo da fronteira que bastava a travessia da estrada para se entrar na Bielorrússia. Contou-me que a região era uma manta de retalhos tecida de campos e floresta frondosa, de um verde escuro no verão, vermelha no outono, branca no inverno, polvilhada de flores e abelhas na primavera.

«É um lugarzinho tão pacato», gracejou, «que quando rebenta um pneu vem na primeira página do jornal.»

Ela chegara a Luton para estudar pintura, preparando o ingresso na Academia de Artes de Vilnius, a capital da Lituânia. Eu viajara de Portugal com o intuito de aprender cinema, uma paixão antiga e, confesso, quebrar a monotonia das férias.

A rapariga tinha dezoito ou dezanove anos, estatura média, magrinha, o cabelo de um loiro quase branco, invariavelmente preso numa bandolete escura. Vestia sempre de negro, contrastando com os olhos de um azul intenso.

Disse-me que tinham a cor do céu do Báltico, na Primavera, e eu acreditava. Mesmo o tímido sol de velha Albion lhe tornava a pele de um tom róseo, como as atrizes dos filmes em *technicolor*.

Embora eu fosse um dinossauro comparado com ela, pois atravessava os trinta anos, sentimos empatia à primeira vista. Foi numa pacata manhã de sábado que a conheci. Apareceu no pátio da residência de estudantes, ladeada por duas malas enormes. Vinha perdida de sono, claramente a sofrer de *jet lag*, após numerosas horas de voo. Ajudei-a com o transporte da bagagem, escadas acima, para o apartamento que partilharíamos durante um mês, e ofereci-lhe um chá de boas-vindas. E assim ficámos amigos.

Com o tempo, passámos a preparar em conjunto as refeições na cozinha do apartamento, semivazio, que servia também de sala de visitas. Ainda me recordo dos nossos desastres culinários como ter posto uma pizza no forno, sem ter retirado a base de esferovite. Ou da vodka que ela usou para regar os bifés, transformando a sertã numa pira flamejante, e fazendo disparar o ensurdecedor alarme de incêndio.

Naquele mês de julho, nenhum de nós conseguia dormir. Ela sofria de insónias desde sempre; eu tinha demasiado receio de adormecer e de não mais despertar – nunca sobre porquê. Todas as noites, após o jantar na cozinha do apartamento, a rapariga batia à porta do meu quarto de estudante. Como não havia sofá, sentávamo-nos na minha cama, no escuro, em cavaqueira. A única luz provinha das velas aromáticas que ela acendia e dos faróis dos carros, que estacionavam no pátio. Não raras vezes, víamos filmes no meu computador portátil, poisado na secretária.

Como eu, a jovem apreciava os clássicos *noir*, fitas a preto e branco, com detetives solitários, mulheres fatais e criminosos enlouquecidos. Entre os seus favoritos, contavam-se *Pagos a dobrar*, de Billy Wilder, *Os assassinos*, de Robert Siodmak, e o inevitável *Casablanca*, do mestre Michael Curtiz. A rapariga da Lituânia até sabia de cor algumas conversas, e imitava com gosto a entoação dos atores:

«Sabes qual é a minha linha de diálogo favorita?», perguntou. «É do filme *A Dama de Shangai*. Há uma cena em que Michael O'Hara diz: Talvez eu viva tanto tempo que me esqueça dela. Ou talvez morra a tentar esquecer.»

«É bonito!»

«É, não é? Gosto de amores proibidos.»

Na escuridão da nossa pequena caverna, ela foi Rita Hayworth, Ingrid Bergman, Lauren Bacall e todas as divas da era dourada de Hollywood. Desses serões, recordo o perfume a lavanda da rapariga, o cheiro às maçãs que guardava

numa caixa, o aroma acre da *Guinness*, que invariavelmente partilhávamos, antes de dar o serão por concluído.

No entanto, naquelas ocasiões em que o sono ainda não vinha, ela voltava a bater à porta do meu quarto, com pancadinhas quase silenciosas, receando acordar-me.

«Já estás a dormir?», perguntava do outro lado da porta. «Queres ir dar uma volta?»

«Claro.»

Decidíamos passear por Luton, gozando a frescura tardia e a calma das ruas. Uma noite, vimos um bando de adolescentes embriagadas, saídas de uma festa de anos, esvoaçando nas ruas quase desertas. Desembocámos na praça central, onde o autotanque estava sempre a postos para qualquer incêndio. A aniversariante suplicou a um bombeiro para ligar as luzes dos pirilampos, para festejar o dia. O condutor, que devia ser um bonacheirão, acedeu. E a jovem dançou entre as sombras e o azul intermitente dos pirilampos do autotanque, ao som de uma canção que só ela escutava. As amigas bateram palmas, entusiasmadas, os seus risos e gritos perdidos na noite. Naquele tempo, havia pequenos milagres assim.

Continuámos a caminhar pela Park Street, entre ébrios, vagabundos e amantes. O caminho era longo e sentíamo-nos exaustos. Fomos até ao jardim público, perto do rio Lea, e deitámo-nos sobre a relva. A chuvinha morna de verão começou a tombar entre as árvores, o rio e as casas adormecidas.

Ela tirou do bolso uma pequena garrafa de vodka.

«O remédio nacional da Lituânia!», exultou. «Serve para curar constipações, pegar fogo a bifes e, se a misturares com gasolina, consegues mais uns quilómetros. O meu avô fazia isso!»

Bebemos metade, por turnos, até ficarmos tontos e nostálgicos. E eu lembrei-me loucamente disto: levar a garrafa à boca era o mais perto que algum dia estaria dos lábios dela.

«O que vais fazer depois do curso?», perguntou-me.

«Tenho uns trabalhos a terminar. A seguir, passo férias com a família, numa cidade junto ao mar. Chamam-lhe a rainha das praias de Portugal.»

Então, ela fitou-me e confessou baixinho:

«Sabes, eu nunca vi o mar ao vivo.»

«Nunca?»

«Nunca. Só da janela do avião.»

Não lhe respondi. Abracei-a, simplesmente. Ficámos, ali, em silêncio, enquanto a chuva tombava. De súbito, levantou-se um vento forte. Fazia mais frio do que no coração de um icebergue.

Regressei a Portugal três dias depois e nunca mais a vi.

No entanto, hoje a noite transborda de memórias. Chuvisca, o céu está de um cinzento quase branco e há fantasmas dançando nos olhos das estranhas deste bar, onde termino o serão. Reparo nelas. São todas da idade que há mil anos eu tive. E lembro-me daquele mês de julho, em Luton, e de tantas oportunidades que o vento levou, de braço dado, pela noite. Espero que já tenhas visto o mar, rapariga da Lituânia. Ele esteve sempre nos teus olhos.

NOTA BIOGRÁFICA

João de Mancelos, nome literário de Joaquim João Cunha Braamcamp de Mancelos, nasceu em Coimbra, em 1968. É licenciado em Ensino de Português e Inglês pela Universidade de Aveiro (UA), mestre em Estudos Anglo-americanos pela Universidade de Coimbra (UC), doutorado em Literatura Norte-americana pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), tem um pós-doutoramento em Estudos Literários e uma agregação em Estudos Culturais pela UA. Foi aluno do Polytechnic of North London, do King's College e da University of Luton. Lecionou na UCP (1992-2006), na UA (2006-2012) e na UBI (2012-presente). Publicou vários livros de conto, poesia e ensaio, com destaque para *As fadas não usam batom* (conto, 2.^a ed. aument.: 2004), *Manual de Guionismo* (monografia, 2.^a ed.: 2016), *O pó da sombra* (poesia, 2014, esgotado), *Introdução à Escrita Criativa* (monografia, 5.^a ed.: 2017), *Todas as Cores da América: A Literatura Multicultural* (monografia, 2015) e *Introdução à Narrativa Cinematográfica* (monografia, 2017). É membro do PEN Clube Português, do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC, UA) e da Associação de Investigadores da Imagem em Movimento.